

Campo tem maior bancada no Congresso

Raymundo Costa

da AE

A maior bancada na Câmara não pertence ao maior partido, o PMDB, com seus 108 deputados, nem à maioria formal do bloco do governo, que reúne 130 deputados do PFL e do PRN. Ela é formada pela Frente Parlamentar da Agricultura, até agora com 153 deputados inscritos, número que pode chegar a 200, segundo suas lideranças, e que obteve algumas das mais retumbantes vitórias nos primeiros dias de funcionamento do novo Congresso. Um levantamento feito pela assessoria do Ministério da Agricultura revela que há 250 parlamentares produtores rurais ou simplesmente ligados à atividade agrícola, capazes de somar votos em defesa dos interesses do setor.

Trata-se de uma frente interpartidária, capaz de reunir gente de matiz ideológico tão distinto quanto o ex-presidente da União Democrática Ruralista (UDR) Ronaldo Caiado (PSD-GO) e o deputado da esquerda do PMDB Odacir Klein (RS). Grandes proprietários rurais como Fábio Meireles (PDS-SP), ex-presidente da Confederação Nacional da Agricultura, ou pequenos produtores como a deputada Etevalda de Menezes (PMDB-ES), dona de uma chácara no Espírito Santo.

Para manter gente com interesses tão diferentes unida só mesmo o que o ministro da Agricultura, Antônio Cabrera, chama de sentimento da agricultura, que é suprapartidário. Ou, como diz o deputado Lázaro Barbosa (PMDB-GO): muitas coisas nos separam, mas a verdade é que muitas outras nos unem.

Liderança

A frente ainda não formalizou lideranças — o mais provável é que o deputado Jonas Pinheiro (PFL-MT) assuma a coordenação do grupo —, mas já decidiu, naturalmente, quem não deseja para dirigi-la: Ronaldo Caiado. É um nome estig-



Aldori Silva 10.03.88

Pinheiro é o mais cotado para assumir a coordenação da Frente

matizado, admite Cabrera. Ele sabe disso e não pretende assumir a liderança, confirma Jonas Pinheiro. Tanto para o ministro, quanto para o deputado, qualquer tipo de radicalização seria fatal para a unidade do grupo.

Caiado foi o segundo deputado a assinar sua inscrição na frente. Os parlamentares sondados em seguida recusaram seus autógrafos, pois não queriam seus nomes ao lado do ex-dirigente da UDR. A solução foi providenciar novas folhas de papel em branco — em poucos dias, o documento já contava com

123 assinaturas, tendo chegado, na semana passada, a 153. Por causa das votações, o trabalho estava parado, mas não temos dúvidas de que chegaremos aos 200, afirma Eduardo Siqueira Campos (TO), líder do PDC, talvez a bancada (22 deputados) mais engajada no movimento.

A Frente Parlamentar de Agricultura surgiu após a edição do Plano Collor II, que acabou com a chamada equivalência para os financiamentos agrícolas (permite que o agricultor pague seus empréstimos pelo valor corresponden-

te em produtos na época do financiamento). Foi o que permitiu ao grupo reunir 123 assinaturas em pouco mais de 72 horas, e também o que estreitou de vez as relações da frente com o ministro Cabrera, que forneceu auxiliares e a estrutura do Ministério para ajudá-la. Na votação do Plano Collor II, a frente se tornou o mais eficiente grupo de pressão sobre o governo, a ponto de levar a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, a recuar na questão da equivalência, que considerava imoral e inconstitucional.

Força

Depois de vencer esse round — que produziu sérios atritos entre Zélia e Cabrera — a frente decidiu dar uma demonstração de força, ao aprovar a liberação dos cruzados novos, relativos ao setor agrícola, bloqueados pelo Plano Brasil Novo. Havia acordo entre os coordenadores do grupo, o ministro Cabrera e as demais lideranças partidárias para que essa emenda fosse rejeitada. Todos concordavam que se tratava de um privilégio, para usar uma expressão de Cabrera, pois o restante da população continuaria com seus cruzados bloqueados. Mas vamos acatar o veto do Presidente, isso foi apenas para demonstrar nossa força, explicou Jonas Pinheiro.

O ministro Cabrera pensa em utilizar a bancada rural em outras votações relacionadas com a agricultura, como a medida provisória que acabou com o monopólio dos sindicatos sobre diversos serviços portuários. Inclusive ofereceu seus serviços ao ministro da Justiça, Jarbas Passarinho. Mas Jonas Pinheiro teme pela unidade da bancada em outros assuntos que não os estritamente agrícolas. Ele não tem ilusões, a exemplo de Cabrera, que a lei Agrária, ainda por ser votada, rachará a frente. Nesse caso o grupo não se une, devido a divergências econômicas e ideológicas muito marcantes, diz Pinheiro.